



A IMPORTÂNCIA DA DIVERSIDADE DOS INSTRUMENTOS AVALIATIVOS

Fabiane Cardoso Gonçalves de Souza¹

RESUMO

As práticas avaliativas necessitam estar a serviço da aprendizagem dos alunos e a metodologia da avaliação formativa caracteriza-se por observar, interpretar e desencadear aprendizagens. Assim, refletir sobre esses pontos requer consciência do papel da escola na construção de cidadãos capazes de obedecer a seus ritmos e respeitar os avanços de seus semelhantes, para não criar uma sociedade de competição em que passam a ter maior status os que recebem números maiores, que, muitas vezes, não provam o seu real nível de valor e conhecimento. Sabendo das potencialidades de cada indivíduo e as diversas formas de se aprender um conteúdo, este estudo objetiva analisar a importância da diversidade dos instrumentos avaliativos nos espaços escolares. O percurso metodológico seguiu as teorias relacionadas à pesquisa bibliográfica no que tange ao levantamento de dados, sendo, dessa forma, consultadas teses e dissertações publicadas nos últimos cinco anos. Posto isso, este artigo teve como resultados alcançados o fato de perceber que a diversificação dos instrumentos avaliativos pode facilitar tanto a aprendizagem dos estudantes, quanto fornecer diferentes parâmetros para avaliar a qualidade do ensino.

Palavras-chave: Práticas Avaliativas; Diversidade; Instrumentos Avaliativos.

ABSTRACT

Evaluation practices need to be at the service of students' learning and the methodology of formative assessment is characterized by observing, interpreting and triggering learning. Thus, reflecting on these points requires awareness of the role of the school in building citizens capable of obeying their rhythms and respecting the advances of their peers, so as not to create a society of competition in which they have greater status those who receive higher numbers, which often do not prove their real level of value and knowledge. Knowing the potentialities of each individual and the various ways of learning a content, this study aims to analyze the importance of the diversity of evaluative instruments in school spaces. The methodological path followed the theories related to bibliographic research regarding data collection, thus consulting theses and dissertations published in the last five years. Having said that, this article had as results the fact of realizing that the diversification of evaluative instruments can facilitate both the students' learning, and provide different parameters to evaluate the quality of teaching.

Keywords: Evaluative Practices; Diversity; Evaluative Instruments.

RESUMEN

Las prácticas de evaluación deben estar al servicio del aprendizaje de los estudiantes y la metodología de evaluación formativa se caracteriza por observar, interpretar y desencadenar el aprendizaje. Por lo tanto, reflexionar sobre estos puntos requiere conciencia del papel de la escuela en la construcción de ciudadanos capaces de obedecer sus ritmos y respetar los avances de sus compañeros, para no crear una sociedad de competencia en la que tengan mayor estatus aquellos que reciben un mayor número, que a menudo no demuestran su nivel

¹ Mestrado em Ciências da Educação na Universidade Del Sol; Graduação em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá.



real de valor y conocimiento. Conociendo las potencialidades de cada individuo y las diversas formas de aprender un contenido, este estudio tiene como objetivo analizar la importancia de la diversidad de instrumentos evaluativos en los espacios escolares. El camino metodológico siguió las teorías relacionadas con la investigación bibliográfica sobre la recopilación de datos, consultando así tesis y disertaciones publicadas en los últimos cinco años. Dicho esto, este artículo tuvo como resultado el hecho de darse cuenta de que la diversificación de los instrumentos evaluativos puede facilitar tanto el aprendizaje de los estudiantes, y proporcionar diferentes parámetros para evaluar la calidad de la enseñanza.

Palabras clave: Prácticas Evaluativas; Diversidad; Instrumentos Evaluativos.

INTRODUÇÃO

O papel do professor como executor do currículo e o espaço da escola como local sistemático de aprendizagem têm sido pouco reconhecidos pelos sistemas educacionais em prol de uma leitura mecanicista em que o dia a dia da escola é regido por normas que lhe são externas. A utilização das avaliações para se estabelecer metas e medir qualidade na educação tem sido muito debatido no campo do currículo e merece cada vez mais espaço destacado no âmbito das políticas públicas e entre os sujeitos da educação.

Posto isso, compreende-se que o professor é fundamental na produção de um trabalho que coopere com resultados positivos no meio educacional. É esse profissional que orienta e põe em ação o desenvolvimento curricular em diferentes espaços da escola em relação direta com seus alunos, com outros professores, profissionais da educação e as famílias.

O modo como as avaliações educacionais foram introduzidas nas escolas e as formas como são divulgados seus resultados podem influenciar discussões e práticas de gestores e professores em função de suas percepções. Além destas impressões, a subjetividade da imagem profissional, a trajetória profissional e o contexto social podem influenciar nas visões e opiniões dos professores sobre diversos assuntos, entre eles as políticas de avaliação.

Gatti (2003) aborda a relação do professor com a avaliação em si. A autora afirma que o profissional de educação deve ter muita cautela e cuidado ao lidar com um processo tão complexo, afirmando que o professor deve:

[...] primeiro, cuidar do que parece óbvio, mas nem sempre é cuidado: preparar bem as provas e os alunos para as realizar. Para que estas se tornem situações de aprendizagem, o professor deve dispende algum tempo na identificação de quais aspectos de ensino de sua disciplina foram realmente trabalhados em classe no período a ser avaliado, quais dentre estes serão incluídos na prova e por quê. Depois



de determinar o que será avaliado, é importante discutir com os alunos as questões trabalhadas em sala de aula, sinteticamente, conversando sobre compreensões e incompreensões, procurando explicitar, recordando os conteúdos já trabalhados de modo simples, claro e direto. Os alunos, tomando essa síntese e revisão como orientação para seus estudos, poderão então engajar-se em uma experiência de aprendizagem desafiadora e com significado. Se o professor vai utilizar um tipo de prova com que os alunos não estão familiarizados, deve trabalhar com eles em exemplos dos tipos de questões que vai usar (evidentemente com outro conteúdo) (GATTI, 2003, p. 103).

Sendo assim, o trabalho do professor envolve uma visão de mundo, de fatos, com propostas e valores ou ideias, com conteúdos que interferem na ação, pois o professor é um sujeito que ensina e aprende. Há professores que, visando um preparo melhor das avaliações, desenvolvem o planejamento curricular de dois modos: o da avaliação comum e o da avaliação diferenciada, para que seus alunos se preparem para a responsabilidade para lidar com as variadas formas de serem avaliados. Segundo esses profissionais, a avaliação comum seria aquela que ocorre bimestralmente e a diferenciada seriam as avaliações externas.

Os professores expressam afirmativas de que a rotina escolar e a prática docente são influenciadas pelas avaliações no sentido de adequação curricular para as provas. Há a preocupação em melhorar as notas, os treinos e simulados, o cumprimento de metas, provocando, assim, por meio dessas avaliações, vários efeitos na educação básica, o que pode acarretar uma possível secundarização do currículo local devido à preocupação com o preparo para essas avaliações, assim como efeitos no trabalho realizado na sala de aula, produzindo padronização, uniformização de desempenhos dos sujeitos e da organização curricular.

Dessa forma, este estudo busca analisar a importância da diversidade dos instrumentos avaliativos nos espaços escolares, tendo como base o aprofundamento de: *A Importância da Diversificação dos Instrumentos Avaliativos; Modalidades Avaliativas; Avaliação Diagnóstica; Avaliação Somativa; e Avaliação Formativa.*



A IMPORTÂNCIA DA DIVERSIFICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS AVALIATIVOS

Inicialmente, pode-se considerar que a avaliação, como sinônimo de provas e exames, é um legado que data de 1599 trazido pelos padres jesuítas. A partir daí, a avaliação nas escolas brasileiras permaneceu com o formato de provas e exames para verificar o aproveitamento dos discentes. Desse modo, de acordo com Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, o processo avaliativo é contemplado no Art. 24 inciso V, que diz a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

- a) Avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- b) Possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- c) Possibilidade de avanços nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- d) Aproveitamento de estudos concluídos;
- e) Obrigatoriedade de estudo de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seu regimento. (BRASIL, Art. 24, V, 1996)

Posto isso, evidencia-se que a avaliação é parte central do ensino-aprendizagem por isso deve ser estudado de modo contínuo. Nesse viés, o processo avaliativo sempre esteve associado à aprovação ou reprovação, fazendo a seleção dos aptos e a dos não aptos. Hodiernamente, as avaliações são realizadas por meio de provas e exames sem estarem relacionadas ao processo ensino-aprendizagem, o que faz com que surja uma preocupação em questionar o que é avaliar, e de que modo essa prática possa garantir uma aprendizagem com qualidade ao aluno.

De acordo com Vasconcelos (2005) é importante distinguir avaliação de nota. A avaliação é um processo que precisa de uma reflexão crítica sobre a prática, podendo, desta forma, verificar os avanços e dificuldades e o que se fazer para superar esses obstáculos. A nota, seja na forma de número ou conceitos, é uma exigência do sistema educacional. Ainda, para Luckesi (2005), a atual prática de avaliação escolar estipulou como função do ato de avaliar a classificação e não o diagnóstico como deveria ser.



Dessa maneira, o que deveria ser um recurso para diagnosticar quais as dificuldades de aprendizagem que os alunos estão evidenciando por meio da avaliação, passa a ter apenas função de classificação, o que estão com notas abaixo ou acima da média, por tanto não cumpriu com seu papel e nada será feito para melhorar a situação do aluno.

Outra teoria relevante é a de Hoffmann (2008) que assevera que a avaliação consiste numa observação constante de aprendizagem e, assim, proceder a uma ação educativa que de fato melhore a condição do aluno. Para esses estudiosos do tema, a avaliação deve estar junto com o processo de aprendizagem, uma ferramenta auxiliadora do professor para verificar o progresso do aluno, e, também, um momento de reflexão sobre o seu trabalho, se de fato está a contento com o que se foi proposto.

Nota-se que, ao perceber a avaliação como prática pedagógica, esta não poderá apenas servir para verificar o aluno, mas também para avaliar o professor na sua prática, averiguar o trabalho de ambos. Para Ferreira (2005), é elemento necessário para detectar as falhas no processo de ensino-aprendizagem, para atingir o objetivo principal, que é o conhecimento. Em consonância, têm-se as ideias de Abreu e Masetto (*in* SANTOS, 2005) a avaliação deve:

Estar relacionada com a aprendizagem; ser pensado, planejado e realizado de forma coerente e conseqüentemente com os objetivos propostos para aprendizagem; ser contínuo, para acompanhar o processo de aprendizagem; permitir um contínuo reiniciar do processo de aprendizagem; estar voltado para o desempenho do aluno; incidir, também, sobre o professor e o plano de ensino; exigir observação e registro por parte do professor e do aluno; conter tanto a avaliação feita por outros, como auto avaliação (ABREU; MASETTO *in* SANTOS p. 23).

Destarte, percebe-se, a partir dos pontos anteriormente elencados, que avaliação é algo bem mais complexo do que apenas atribuir notas sobre um teste ou prova que se faz, ela deve estar inserida ao processo de aprendizagem do aluno, para saber os tipos de avaliações que devem ser praticadas.

Portanto, sendo a avaliação colocada em favor das aprendizagens, torna-se uma estratégia pedagógica de luta contra o fracasso escolar, propondo-se a ser formativa, pois está a serviço do sucesso escolar.

Avaliar está além da mensuração de conhecimentos, da classificação, da punição. Trata-se de mediar o conhecimento e respeitar o tempo de cada um,



analisando o erro como um degrau para o acerto. Avaliar requer que seja repensada a prática docente como profissionais da educação, não olhar exclusivamente para o desempenho do aluno, mas perceber que a avaliação é o reflexo da prática e juiz das ações.

MODALIDADES AVALIATIVAS

Apesar de, na teoria, haja um grande avanço no sentido de desenvolver práticas avaliativas numa perspectiva formadora, como também iniciativas em termos de lei e diretrizes, realizar a avaliação nessa perspectiva requer que esta ocorra de forma sistemática, durante todo o processo de ensino e aprendizagem, e não somente após o fechamento de etapas do trabalho, como acontece habitualmente nas escolas. O uso da avaliação nessa perspectiva, cuja finalidade é formar cidadãos capazes de intervir criticamente na realidade para transformá-la, só poderá acontecer se o caráter de terminalidade e de medição de conteúdos aprendidos forem superados, a fim de que os resultados da avaliação possam ser utilizados como indicadores para a renovação da prática avaliativa.

Desse modo, é importante que os profissionais de educação e pesquisadores estejam cientes das modalidades avaliativas a fim de que possam colocar em prática ações conscientes ao avaliar os alunos. Nas seções subsequentes, elencam-se de forma detalhada cada tipo de modalidade avaliativa que devem compor ao rito de diversificação das avaliações que é o objeto de estudo desta pesquisa.

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

A avaliação diagnóstica possui um cunho pedagógico e difere-se sensivelmente da prova clássica, que busca apenas contabilizar erros e acertos. O objetivo desse tipo de avaliação é chegar à origem do erro, ou ainda, compreender o porquê do acerto, com vistas a interpretar tudo o que o aluno produz.

Orienta-se que a avaliação diagnóstica seja realizada em um determinado momento, podendo ser antes de alguma atividade, já que o professor precisa se



localizar, em uma dada etapa, em que momento do processo de construção do conhecimento está seu aluno, identificando, assim, quais serão as intervenções pedagógicas necessárias para garantia do processo ensino-aprendizagem. O diagnóstico, em que se objetiva avaliar a natureza do erro e/ou do acerto, possibilita ao professor adequar as estratégias de ensino às demandas de cada educando.

Sua função é auxiliar na definição do ponto de partida dos processos de ensino, buscando compreender a forma de apreensão das aprendizagens relativas aos processos e aos percursos pedagógicos anteriores. Por meio da avaliação diagnóstica, espera-se:

investigar seriamente o que os alunos “ainda” não compreenderam, o que “ainda” não produziram, o que “ainda” necessitam de maior atenção e orientação [...] enfim, localizar cada estudante em seu momento e trajetos percorridos, alterando-se radicalmente o enfoque avaliativo e as “práticas de recuperação”. (HOFFMANN, 2008, p. 68).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) traz o conceito de progressão continuada, que surgiu a partir do entendimento de que reprovação não ajuda o aluno a progredir, muito presente nas escolas públicas. Sendo assim, a implementação de avaliações diagnósticas foi muito bem-vinda, pois busca identificar as falhas do ensino e garantir a aprendizagem dos alunos.

Cabe ressaltar, ainda, que um mesmo instrumento de avaliação pode atender diversas finalidades, diferenciando-se em relação aos seus objetivos, ou seja, a intencionalidade da coleta das informações e o modo como esses dados foram coletados/analísados. Sendo assim, pode-se entender que:

a finalidade da avaliação não é a de descrever, justificar, explicar o que o aluno “alcançou” em termos de aprendizagem, mas a de desafiar-los todo tempo a ir adiante, a avançar, confiando em suas possibilidades e oferecendo-lhes, sobretudo, o apoio pedagógico adequado a cada um. (HOFFMANN, 2008, p. 103).

AVALIAÇÃO SOMATIVA

A avaliação somativa, em oposição direta à diagnóstica, deve acontecer no final do processo de ensino-aprendizagem. Sua principal função é simplificar tudo o que o aluno realmente aprendeu com auxílio de notas.



Esse tipo de avaliação classifica os estudantes ao final de um ciclo, seja ele um projeto, um bimestre, um semestre ou um ano escolar, conforme os níveis de aproveitamento observados. Seu foco é no resultado, que pode se resumir em aprovado ou reprovado, já que mede a aprendizagem com números de acertos.

O resultado deve refletir todo o empenho do estudante ao longo de todo o processo de aprendizagem. Portanto, tem-se mais possibilidades de que a nota final seja mais verossímil possível, levando em conta os altos e baixos de todo o percurso percorrido.

Ao avaliar sob o viés somativo, deve-se ter a preocupação de utilizá-lo somente com vistas a tomar decisões acerca da aprovação e/ou da reprovação dos estudantes. Sua utilização deve estar atrelada as outras, ou seja, o professor não deve utilizar somente esse método para avaliar, garantindo, assim, a eficácia do processo de aprendizagem do aluno.

Por meio desse modelo de avaliação, os alunos recebem o chamado *feedback*, que objetiva informar qual nível de aprendizagem foi atingido, com o uso de atribuição direta de notas.

AVALIAÇÃO FORMATIVA

Pode-se dizer que a avaliação formativa objetiva verificar se os conteúdos ministrados pelo docente foram realmente aprendidos pelo aluno, garantindo, assim, o sucesso no processo de ensino aprendizagem.

A busca por uma avaliação de cunho formativo tem o objetivo de melhorar a aprendizagem do aluno, pautando-se nos aspectos cognitivos, construtivistas, sociais e, ainda, sociocognitivistas. Busca ajustar a forma que os conteúdos são ministrados e garantir a real aprendizagem.

Esse modelo leva em conta o que o aluno aprendeu durante o processo de ensino-aprendizagem e não somente o final. Por esse motivo, os ajustes são importantes e são eles que balizarão os próximos passos do professor. Cognitivamente falando, a avaliação formativa preocupa-se mais com o como, ou seja, busca entender como o conhecimento é construído. As representações mentais do aluno e a verificação das estratégias utilizadas são essenciais nesse



tipo de avaliação. Os resultados negativos, como as atividades consideradas erradas, são elementos de análise para se verificar o porquê daquele erro.

Esse tipo de avaliação possui duas características importantíssimas: seu caráter investigativo e regulador da aprendizagem. Outras características também podem ser elencadas, pois essa avaliação proporciona a ativação de processos mentais mais elaborados; as atividades estão mais próximas ao aluno, apresenta-se de forma organizada com vistas a produzirem uma resposta (*feedback*) e possui qualidade nas informações, já que busca melhorar a educação ofertada aos alunos.

Outra característica é a resposta (*feedback*) que é fundamental para organizar o trabalho de modo que ative os processos relacionados à cognição e à metacognição, já que são eles que gerenciam o processo de aprendizagem, resultado na melhora da motivação e da autoestima. Nesse caso, o professor, metaforicamente falando, é uma verdadeira ponte, pois irá levar ao aluno tudo o que considera importante aprender e atua diretamente na construção do pensamento.

Nesta avaliação, os alunos possuem um papel verdadeiramente ativo no processo, deliberando de modo atuante na construção da aprendizagem. São diretamente responsáveis pelo processo e são livres para formularem suas respostas, partilhando com os demais aquilo que aprenderam. As atividades desenvolvidas possuem uma dupla função: avaliação e aprendizagem. O professor tem a preocupação de, criteriosamente, selecionar e diversificar. A avaliação formativa possui um papel importante nos ajustes do processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, o sucesso é o objetivo a ser alcançado. Por isso, as salas de aula devem transparecer uma ideia positiva, pois parte da cultura de que todos os alunos são plenamente capazes de aprender. A avaliação formativa possui a função de ajustar o processo de ensino-aprendizagem, com o objetivo de adequar o ensino aos alunos. Sua finalidade é destacar os pontos fracos, sobrepondo-se ao interesse de puramente gerar resultados. Seu foco é processo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da presente investigação, observa-se que a diversificação dos instrumentos avaliativos é um tema que precisa ser aprofundado, sempre debatido no meio acadêmico e ainda nos ambientes escolares. Tal preocupação justifica-se por conta da necessidade de se disponibilizar um ensino de qualidade aos estudantes a fim de que os alunos atuem de forma proativa nas questões relativas ao meio em que estão inseridos e possam se posicionar criticamente diante das questões presentes na sociedade.

Para o alcance das metas elencadas no parágrafo anterior, necessita-se, precipuamente, de profissionais de educação capacitados para o exercício do magistério, pois é ele que irá fornecer os conhecimentos basilares para a formação dos seus alunos. Por esse motivo, deve-se ter sempre a preocupação com uma formação docente de qualidade que objetive investir continuamente na carreira do professor e que forneça a devida valorização do profissional de educação.

Dado o valor dos instrumentos de avaliação, há de levar em conta a avaliação formal e informal, mais ou menos intuitiva, que ocorre durante o processo de aprendizagem. A utilização repetida e exclusiva de um mesmo tipo de instrumento de avaliação não permite ver o indivíduo sob todos os ângulos, o que pode induzir erros graves. Se há alunos que evidenciam melhor as suas competências com um determinado tipo de instrumento, cumpre ao professor prepará-los para poderem responder o mais adequadamente possível qualquer que seja o instrumento utilizado. Há que saber dosar a utilização de técnicas e instrumentos de avaliação, racionalizando-os no sentido de potencializar os seus valores e rebater as dificuldades do seu uso.

O contexto em que o instrumento é aplicado influencia também o desempenho do aluno. Se alguns indivíduos gostam de trabalhar isoladamente e têm bons resultados em testes escritos, outros podem acusar bloqueios perante uma folha de papel em branco, sentindo sobre si o olhar do professor. Não quer isto dizer que se deva construir um instrumento de avaliação para cada aluno, no entanto a diversificação é não só desejável como possível.

Uma forma adequada e possível de estímulo à diversificação de instrumentos é a promoção de momentos de trocas de experiências entre os



próprios docentes, incentivo à produção de pesquisas na área elaborada por educadores que atuam diretamente na Educação Básica e a disponibilização de plataformas que forneçam ao professor interfaces que atuem em prol desse objetivo.

Seguramente, esta pesquisa, como modo de socialização da investigação, tem a conseqüente função de abranger escritos e problematizações mais amplas, as quais podem ser aprofundadas e delineadas na conjuntura dos processos avaliativos e a devida diversificação de instrumentos em sala de aula. Dessa forma, intenta-se o aprofundamento desta temática em estudos posteriores sob a forma de uma dissertação no campo da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**, 48. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015

_____. **Lei 9394/96**, de 20 de dezembro 1996.

GATTI, B. A., **O professor e a avaliação em sala de aula**. Estudos em Avaliação Educacional, n. 27, jan-jun / 2003. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1150/1150.pdf>> Acesso em: 17/04/2019.

HOFFMANN, J. **Avaliação mito & desafio**: uma perspectiva construtivista em avaliação. Porto Alegre: Mediação, 1991.

_____. **Avaliar: respeitar primeiro, educar depois**. Porto Alegre, RS: Mediação, 2008.

SANTOS, C. R. (et. al.) **Avaliação Educacional**: um olhar reflexivo sobre sua prática., e vários autores, São Paulo: Editora Avercamp, 2005.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Superação da lógica, classificatória e excludente da avaliação** – do “é proibido reprovar” ao é preciso garantir a aprendizagem. São Paulo: Libertad, 1998.

_____. **A avaliação**: concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar. Cadernos pedagógicos do Libertad, São Paulo, v. 3, 1995.